

TREZE

AGOSTO

Publicação nº8 | 2020 | Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação da Universidade de Évora



FINALISTAS COVID, QUE FUTURO NOS ESPERA?

Miguel Lopes

MASCARADOS E COM A PELE CHEIA DE INSACIÁVEL FOME

António Ricardo Mira

OS AMANTES

Carlos Vieira

//PREÂMBULO

Num mês em que grande parte dos membros da academia aproveitam para recarregar baterias, neste ano singular e difícil que estamos a viver, a TREZE traz uma edição especial. Trata-se de uma edição "fora da caixa", com textos para reflexão, mas com algum sentido de humor e que proporcionem prazer ao ler mesmo em período de férias, num final de tarde ou até mesmo na praia. Aos autores dos textos apenas foi colocada a condicionante de o texto poder tocar, ainda que de forma muito suave, pelo menos uma das áreas de atuação do GAITEC: Transferência de Conhecimento, Propriedade Intelectual, Projetos Transversais, Cooperação, *Start-ups* e *Spin-offs*, Estágios ou Empregabilidade.

Temos a certeza de que muitos mais poderiam ter escrito nesta edição, passando mensagens e reflexões importantes com as férias como fundo. Impreterivelmente todos remetem para o desafio que não sai das nossas cabeças e que certamente vamos vencer!

Boas férias!

*Paulo Infante,
Pró-Reitor da Universidade de Évora*



//EDITORIAL

FINALISTAS COVID, QUE FUTURO NOS ESPERA?

Fechámos finalmente o ano letivo de 2019/2020 que neste último semestre se desenrolou de forma bastante inesperada. Sai então mais uma fornada de finalistas, na qual me incluo, e que começa agora a olhar para um futuro próximo e ainda mais incerto que o habitual.

Os últimos meses foram desafiantes em vários aspetos, para alunos e professores. Não só pelas eventuais dificuldades técnicas inerentes que por vezes surgiam, mas sobretudo pelo que nos separou. Trocámos a sala de aula pelo quarto, a roupa pelo pijama, o café do bar pelo café de casa, entre tantas outras coisas. Com isto perdemos um pouco da proximidade e união tão características da nossa Universidade. Da noite para o dia vimo-nos a revolucionar juntos o sistema de ensino, adaptando-nos a uma nova realidade *online*. Fomos forçados a aprender uma nova rotina de estudo. Desdobrámo-nos ainda mais do que julgávamos ser capazes, para dar resposta aos trabalhos, testes e atividades extra que, de algum modo, tentavam colmatar a falta de um ensino presencial. Mais uma vez provámos ser uma geração com uma enorme capacidade de adaptação a uma realidade em constante mudança.

Se olharmos para o estudante universitário de hoje em dia, o que vemos? Na verdade, depende da hora do dia a que o fazemos. De manhã veremos o estudante nas aulas (ou a dormir). À tarde nas aulas (ou na esplanada). À noite é certo que estará a beber uns copos com os amigos. Este é o estereótipo do estudante universitário e verdade seja dita, somos tudo isto, mas muito mais! A formação universitária é bem mais abrangente do que a obtenção do canudo. Falo da formação complementar que se adquire no contexto universitário, aquela que vai além da formação técnica e específica de cada curso, as chamadas *soft skills*. A aquisição destas competências começa no primeiro contacto com a universidade, onde somos empurrados a interagir, a explorar, a conhecer o mundo e a nós próprios. Para além das competências técnicas, a academia oferece-nos inúmeras ferramentas para desenvolvermos as nossas competências pessoais. Cabe-nos procurar, desenvolver e viver cada experiência, pois é através destas que crescemos individualmente, o que se traduz num crescimento a nível profissional.

Infelizmente, ao longo dos últimos tempos tenho-me apercebido de que iremos enfrentar mais do que a já conhecida saturação do mercado de trabalho. Ao que parece, corremos o risco de

levar um rótulo na testa, no qual se pode ler: Finalista CoVid.

Questiono-me: irão os empregadores olhar para os finalistas de 2020 de forma diferente? Afinal de contas concluímos o curso à distância, com métodos de avaliação pouco fidedignos e que não espelham o conhecimento que deveríamos ter adquirido. Uns incompetentes, portanto? Não creio!

Parecer-me-ia bastante injusto que fossemos reduzidos ao "semestre CoVid", até porque não tirámos as nossas licenciaturas e mestrados num único semestre. Nem tão pouco nos podemos resumir a isso enquanto futuros profissionais.

Já provámos que somos capazes, estamos prontos a sair da casca e vamos fazê-lo! Esperamos um futuro em que tenhamos a oportunidade de mostrar o que valemos. Seja qual for o desafio, nós adaptamo-nos e arranjaremos uma solução. Por isso, futuros empregadores, confiem nestes tipos desenrascados. Confiem nos finalistas CoVid!

*Miguel Lopes,
Presidente da Assembleia Magna da Associação
Académica da Universidade de Évora (AAUE)*

// MASCARADOS E COM A PELE CHEIA DE INSACIÁVEL FOME



O Homem é um ser social e, como tal, precisa de outras pessoas para se sentir total e feliz, o que faz dele um ser comunicativo e em constante comunicação. Então, o Homem munuiu-se de uma linguagem digital (verbal) e de outra analógica (não-verbal). Existe, contudo, uma hegemonia da componente não-verbal da comunicação humana sobre a verbal. A comunicação não-verbal é a primeira e a última que usamos nas nossas vidas, de modo fundamentalmente inconsciente, o que permite que a nossa linguagem corporal seja expedita e pouco cansativa no processo comunicativo.

Quando encontramos alguém, imediatamente, e em cerca de três segundos, procedemos, sem consciência disso, ao esquadrinhamento do seu rosto e do seu corpo. Esta 'leitura a frio' do outro permite-nos ler e interpretar, à nossa maneira, os sinais não-verbais que emite, de modo a deduzirmos coisas sobre ele.

No rosto encontramos os olhos, onde procuramos a direcção do olhar, para tentarmos perceber as intenções de outrem; a pupila, para percebermos o estado de espírito do indivíduo;

os movimentos; as piscadelas, aberturas exageradas... E fazemos o contacto ocular, procurando nele entendimento, sinais de envolvimento, agrado, desagrado, confiança, força, regular a conversa, dominar...

Também encontramos a boca, procurando nela o sorriso que dá conta de emoções e de sentimentos. O sorriso que está na boca e se expande pelo rosto, inclusive pelos olhos. O que se passa no olhar, também se reflecte na boca e, no limite, tudo neles, na boca e nos olhos, em todo o corpo.

Para observar com algum detalhe estes signos, é necessário uma certa proximidade ao outro o que também torna possível o toque, que alimenta a fome insaciável da pele e pode ser o reconforto e a protecção, mas também o indesejável cometimento corporal.

Estamos, neste ano de 2020, obrigados a usar máscara, a dita máscara social e, ao mesmo tempo, obrigados a manter a distância social de dois metros. A facilidade de ler as informações veiculadas pela linguagem corporal está comprometida. O corpo, mutilado na sua expressividade, pela máscara, não pode ser lido holística e inconscientemente e a tomada de consciência dos signos não-verbais com vista à compreensão desses mesmos signos torna-se fatigante. A distância social dificulta o toque. O toque social não só estimula os vínculos sociais como a dependência benéfica uns dos outros e a nossa integridade emocional. E, agora, não há. Estamos desesperando, mascarados e com a pele cheia de insaciável fome.

O trabalho, com outros, a partir de casa, as reuniões em afastamento e as aulas à distância, por exemplo, são extremamente cansativos. Porquê? Porque não mostramos todo o nosso corpo em comunicação e para se lerem as mensagens corporais temos que estar mais atentos, fazendo esforço para conscientizarmos essa leitura de signos emitidos pela parte do corpo que está disponível. Porque, normalmente, estávamos ligados ao nosso grupo por uma mutualidade maciça que agora aparece irremediavelmente fraccionada, aos quadrinhos, nos displays dos dispositivos que usamos. Porque não há garantias de que as nossas palavras, mergulhadas nas não-palavras dos outros, se decomponham numa massa de diálogos. Porque a comunicação, querendo ser macroscópica, flutua no plano microscópico do diálogo entre voláteis momentos entre uns e outros, dificilmente passando para a reflexão comunitária. Com efeito, cada um de nós está no seu território e no seu espaço pessoal, não havendo um território comum que seja integrador, como acontecia antes nos locais de trabalho. Porque os plurais cenários em que nos enquadrámos, para além de serem uma indesejável abertura do íntimo/privado aos outros, prestam-se a avaliações múltiplas de cada um de nós que os observa, sendo elementos altamente distractores no processo do trabalho em plataformas informáticas. Porque decresce a intimidade pessoal entre os actantes e dificilmente se consegue a intimidade grupal como em presença pode acontecer, mesmo com grupos grandes. Porque não se cria ou só dificilmente se pode criar rapport entre os seres participantes, pois o espelhamento (mimetismo comportamental) falha, quer como elemento revelador de sintonia, quer como elemento indutor de

relação, ficando a empatia, que é a essência da comunicação bem sucedida, comprometida. Porque não há estimulação tátil e há uma mitigadíssima percepção cinestésica. Porque a fome insaciada da nossa pele nos põe irritadiços. Porque as cores, tal como as percebemos nos ecrãs, não nos remetem para um mundo real, mas para um mundo representado, onde é mais difícil fazer vibrar a comunicação. Porque as nossas vozes, transmitidas pela tecnologia, perdem as suas qualidades naturais, tornando-se menos expressivas por se tornarem mais digitais e menos analógicas, por perda da força dos seus elementos prosódicos. Porque o fundamental contacto ocular não se consegue estabelecer e manter, ainda que a câmara de vídeo permita criar o virtual contacto ocular. Mas não resulta. Cada um de nós quer ver na sua prancha de imagens, a vinheta correspondente a cada um dos seus interlocutores, quer ver os seus apontamentos, quer apontar, quer mostrar e ler o seu *powerpoint*, pretende ler os seus ficheiros que partilha, não tem teleponto e não é apresentador de telejornal!... Porque ninguém fala para uma pessoa ou para um grupo a ver a sua própria imagem. Porque, por bem, todos nós queremos, a todo o custo, transplantar, sem perdas, as nossas actividades profissionais presenciais para este meio à distância. E não vamos ser capazes. Porque... Por muitos motivos, mas sobretudo, como vimos, porque a comunicação não-verbal não deixa!...

... E cá vamos, esperando que a máscara caia e que a pele deixe de sentir esta insaciável fome.

*António Ricardo Mira,
Departamento de Pedagogia e Educação*

// OS AMANTES



Nas minhas aulas de economia financeira, costumo fazer um jogo muito simples para avaliar o grau de aversão ao risco dos alunos. Algo semelhante é feito pelas instituições financeiras a todos os seus clientes, porque a lei agora as obriga a ajustar os produtos que oferecem ao perfil de risco dos investidores.

Curiosamente, são sempre os alunos do curso de Gestão que em média manifestam um menor nível de aversão ao risco. É curioso, mas faz sentido. O empreendedorismo é uma das actividades económicas de maior risco, embora ofereça também potencialmente os maiores rendimentos por comparação com outras ocupações. Basta olhar para a lista da revista Forbes com os maiores bilionários.

Os modelos económicos assumem habitualmente que o mundo é composto por indivíduos racionais, avessos ao risco. Ser avesso ao risco não significa não querer correr riscos. Revela apenas que estes agentes económicos só estão dispostos a tomar decisões que implicam maiores riscos se o rendimento esperado dessas decisões for mais elevado, se receberem um prémio pelo risco acrescido.

Os empreendedores não são estes agentes

racionais dos modelos económicos. Os empreendedores são amantes do risco. Daí o título ilusoriamente apelativo deste texto, já usado em muitas obras escaldantes de ficção, entre as quais, no singular, a da francesa Marguerite Duras. Amantes do risco são aqueles que optam por correr mais riscos mesmo quando sabem que, em média, não vão ganhar mais, mesmo sem exigirem um prémio de risco.

Formar uma empresa tem uma baixa taxa de sucesso esperado. Em média, o retorno é insuficiente para o grande risco envolvido. Nem todos acabam na lista da Forbes. Mas a possibilidade, ainda que reduzida, de conseguir um enorme sucesso é o que motiva o empreendedor. Por isso são amantes do risco, ou apaixonados pelas suas ideias originais de negócio.

Grande parte de nós não é assim. Preferimos a aversão ao risco, estereótipo do funcionário público, como provavelmente todos os que vão ler este texto: eu, o editor da Treze e o meu pai, que vai fingir ler para não correr o risco de eu o inscrever num lar para empreendedores reformados. Imaginem o que seria passar os anos dourados da velhice com o Paulo e o Soumodip a falarem o tempo todo sobre *spin-offs*, *startups*, *soft-skills*, *scouting*, *bootcamps* e *pitch competitions*...

Carlos Vieira,
Pró-Reitor da Universidade de Évora



Há poucos dias participava num *Webinar* com um famoso editor de uma revista de grande impacto na área da Gestão; e ouvi-o referir que em tempos de pandemia a produção científica apresenta um pico, que o número de submissões mostra um crescimento exponencial, que o número de artigos publicados sofre um incremento brutal, onde a transdisciplinaridade é palavra de ordem e grandes equipas trabalham em conjunto (chegou a referir um paper com 52 co-autores!). Entretanto, referiu ainda que o verdadeiro interesse e contributo da maioria das novas publicações é parco, quase irrelevante. Que muitas vezes constituem exercícios complexos, pouco legíveis e quase indecifráveis até para a comunidade académica.

E nisto perguntamo-nos porque andamos a publicar mais e mais, e com cada vez menos interesse? Porque não há tempo de aprofundar? Porque temos equipas gigantes e multidisciplinares, mas não debatemos e refletimos na utilidade para a sociedade? Porque não procuramos a verdadeira essência dos problemas?

Neste cenário pensei em pontes, nas pontes que tanto precisamos lançar àqueles que da nossa investigação precisam para crescer de forma sustentada e competitiva, e aqui falo da Indústria. A Indústria (no nosso caso, a portuguesa) precisa urgentemente da contribuição da ciência para se dinamizar, para enveredar pelo caminho da tão famosa Indústria 4.0, para se tornar mais sustentável em termos ambientais, sociais e económicos. Para fazer mais e melhor, a menores custos, aproveitando sinergias, baseando tal crescimento em processos mais *clean*, mais *lean* e mais sustentáveis.

Mas a Indústria não compreende os complexos, eruditos e arditos artigos que publicamos. E quando fazemos trabalhos de investigação que a Indústria possa tomar como base, os Editores

das importantes revistas e jornais científicos, simplesmente, voltam-nos as costas. Dizem que a contribuição científica não é relevante. E neste contexto publicamos artigos que pouco mais servem para o nosso próprio regozijo e valorização da avaliação individual e dos Centros de Investigação respetivos. Mas pode um país dar-se ao luxo de criar ciência e não a tentar aplicar no sentido do desenvolvimento e crescimento sustentável?

Num momento de crise mundial, onde a ciência tem a responsabilidade de marcar a diferença e apoiar a sociedade em geral, há que estabelecer pontes, estreitar laços, minimizar gaps. A transferência de conhecimento surge como resposta cabal, e esta deveria ser crescentemente apoiada pelos grandes patronos da produção científica: os jornais e revistas onde publicamos os nossos resultados, os nossos achados, a nossa contribuição. Urgem medidas concertadas e integradas de avaliação e ponderação da atividade de quem se dedica à ciência e de quem quer que a ciência sirva a humanidade. Os vetores do GAITEC assumem agora uma relevância premente. Cooperação, transferência de conhecimento, projetos transversais, propriedade intelectual, empregabilidade... não são apenas palavras. São objetivos basilares, que devem alinhar investigação e ensino e promover a sociedade em que queremos viver.

E são as pontes que podem fazer a diferença... são as ligações, a união de esforços.

Refletindo neste assunto, recordo uma história: *"Um ancião, no leito de morte, chamou os três filhos que nunca se entendiam e viviam a discutir. Deu-lhes um feixe de paus, e disse:*

-Aquele de vocês que conseguir quebrar este feixe de paus, herdará toda a minha fortuna.

Os três tentaram e nenhum conseguiu. Pacientemente, o ancião desatou o laço que unia os paus e quebrou-os, um a um. Disse-lhes:

- Se vocês se mantiverem unidos, como este feixe de paus, serão invencíveis, ninguém poderá derrotá-los. Porém, se derem lugar às desavenças, aos desentendimentos e se vierem a separar, vocês ficarão frágeis e vulneráveis como os paus que foram quebrados".

Ao contrário do ancião, devemos apertar os laços, fazer as pontes...

*Andreia Dionísio,
Departamento de Gestão da Universidade de Évora e CEFAGE*

// EMPREENDER - A RESPOSTA SEMPRE VÁLIDA



Revista Treze, edição de agosto, o mês de férias por excelência em Portugal. Pelo menos ainda assim é conotado, se bem que cada vez mais e mais portugueses optem por gozar as suas merecidas férias em outros períodos do ano. Mês de férias. Férias, plural de "féria", termo que deriva do latim ferīa ("dia de festa") e que faz referência ao descanso temporário de uma atividade habitual. Trata-se do período durante o qual as pessoas suspendem temporariamente os seus compromissos habituais, com vista à sua recuperação física e psíquica. Parale-

lamente, o período de férias também convoca a espaços de reflexão e de balanços, seja na esfera pessoal, seja na esfera profissional.

Na esfera pessoal, o último ano... esperem! Não! Não o vou fazer aqui neste espaço e para esta audiência... ok, pediram-me um texto ligeiro e com algum sentido de humor, mas não posso abusar. O balanço da esfera pessoal irá ficar para outros palcos!

Vou assim, cingir-me apenas ao plano profissional!

Na esfera profissional, claro está, o espaço de reflexão e de balanço prende-se com o assunto do dia, aliás, com o assunto dos últimos cinco meses. Claro, estou a falar do novo coronavírus, SARS-CoV-2, que dá origem à COVID-19 (doença que é provocada pela infeção pelo coronavírus SARS-CoV-2) e que é responsável pela crise pandémica que atravessa de forma generalizada o nosso planeta - à data de 13 de julho, a pandemia já infetou mais de 13,2 milhões de pessoas em 215 países/territórios e foi responsável por 575.525 óbitos.

Estes números dramáticos aliados ao facto de a distância social ser um dos métodos mais eficazes no combate à propagação da pandemia, concretizada no mais ouvido substantivo dos últimos tempos - confinamento -, por outras palavras suspensão das atividades, tem um impacto brutal sobre a economia e sobre a sociedade como a conhecemos.

As recentes previsões do banco mundial (relatório de junho de 2020) apontam para uma contração do PIB de 5,2%, em 2020 e para o conjunto da economia mundial. Esta contração agrava-se para 9,1% nos países da zona euro. Já o Banco de Portugal, no seu boletim de junho, estima que a contração do PIB, em Portugal e em 2020, atinja os 9,5%.

Não obstante estes números, a minha rotina profissional praticamente não foi afetada pela pandemia. Continuei a deslocar-me todos os dias ao escritório para desempenhar a minha atividade profissional. Fi-lo por opção própria e por, dadas as circunstâncias, parecer-me ser a

melhor forma de a desenvolver. Naturalmente que para esta postura muito contribuiu o facto de sermos uma das regiões do país com menos casos e óbitos COVID-19 (com exceção dos surtos de Moura e Reguengos de Monsaraz). Não está cientificamente provado, mas quem sabe se o clima quente e, dizem, o ritmo mais lento do Alentejo (expressão com a qual não concordo, registre-se), também condiciona (e neste caso beneficemente) o novo coronavírus e a sua capacidade de propagação.

Se a minha rotina profissional praticamente não se alterou, o mesmo não posso dizer do plano de atividades do PACT. Infelizmente, a pandemia impactou negativamente a atividade do PACT, comprometendo os objetivos a que nos havíamos proposto para 2020. Houve necessidade de adiar/cancelar eventos, prorrogaram-se genericamente todos os prazos para cumprimento das atividades em curso, adiou-se o início de algumas atividades, dilatou-se temporalmente o reforço da interligação entre as entidades que integram o SRTT, alongaram-se os prazos dos procedimentos referentes à 2ª fase do PACT...

Mas, como sói dizer-se, mesmo na maior tormenta por momentos descortina-se a luz ao fundo do túnel e a oportunidade surge. Só temos que a agarrar e não a deixar fugir.

Foi isso que aconteceu com o PACT logo nos primeiros tempos de pandemia. Ou não fosse missão do PACT a promoção do empreendedorismo. Neste caso, o empreendedorismo germinou internamente e veio a concretizar-se ao nível da responsabilidade social do PACT perante a região onde se insere.

Teve início com uma simples pergunta do Presidente Executivo do PACT, Professor Soumodip Sarkar. Porque é que o PACT não tem gel desinfetante nas suas instalações? Respondi-lhe porque não existe no mercado (era o tempo da rotura de stocks de EPIS, de ventiladores, de gel desinfetante...). Ao que o Professor Soumodip devolveu com a maior naturalidade: se o mercado não tem capacidade para fornecer gel desinfetante vamos nós (PACT) produzir!

E foi assim que nos envolvemos na produção de gel desinfetante e, mais tarde, de viseiras. Ativámos as nossas redes formais e não formais, mobilizámos vontades de parceiros, reunimos recursos, o sonho aconteceu e o mundo (o nosso mundo) pulou e avançou (adaptado do texto da canção "e que sempre que o homem sonha / o mundo pula e avança")!

É gratificante registar que o PACT apoiou (e ainda apoia) dezenas de instituições da região Alentejo, que numa segunda linha combatem ativamente a pandemia provocada pela COVID-19. Distribuímos gratuitamente por parceiros SRTT, por corporações de bombeiros, por forças de segurança, por lares de terceira idade, por centros de dia, por demais instituições de solidariedade social, milhares de litros de gel desinfetante, milhares de viseiras, milhares de máscaras comunitárias.

Ainda hoje recebemos pedidos de ajuda dessas entidades. Sinal positivo de que o PACT soube assumir a responsabilidade e vencer o desafio de apoiar o ecossistema em que está inserido.

Paralelamente, é também um sinal negativo, já que reflete a continuidade da existência dessa necessidade de apoio.

Não obstante, quero terminar a olhar para o futuro e com uma mensagem positiva. O vírus atrasou-nos, alterou as nossas rotinas pessoais e profissionais, induziu-nos novos comportamentos, mas o vírus não nos venceu, nem nos vencerá! A nossa capacidade de adaptação e de resiliência supera qualquer adversidade e, todos juntos, saberemos encontrar a forma como erradicar o novo coronavírus, SARS-CoV-2, ou como com ele conviver, se se vier a tornar endêmico, como defendem alguns reputados epidemiologistas e mesmo a Organização Mundial da Saúde.

*João Assunção,
Gestor do Parque do Alentejo
de Ciência e Tecnologia (PACT)*



//MOBILIDADE OUT...E AGORA? "REFLEXÕES DE ESTUDANTES"



"Quase que ficava sem realizar ERASMUS à conta do Coronavírus, e agora que regresso a Portugal, olha o que me pedem?! Dizem-me do Gabinete de Apoio ao Estudante que Estudantes em Mobilidade e Internacionais, para se dirigirem aos Serviços da Universidade, devem realizar o Teste COVID???? Como assim?? O cotonete é enorme! Aquilo entra pelo nariz e vai até à garganta????! Yek! Mas lá terá que ser...vou responder e agendar o teste... Não tenho hipótese! Daqui a pouco estou no mercado do trabalho e tenho de dar o exemplo, tenho mesmo de enfrentar o cotonete! Pelo menos sei logo se o "bicho" pegou ou se consegui fintá-lo! Mais vale ter juízo e proteger-me, não tarda começam as aulas presenciais, depois vem o estágio e tenho mesmo de ter cuidado! Por falar em estágio, tenho de começar a tratar desta aventura com Cá está! GAITEC! Mas a cena do seguro escolar.... Ah! É no GAE! Ok!

Vou pesquisar umas coisas na minha "caixa de pandora", sim, porque agora estamos sempre "on" e temos tudo dentro da "caixa"! Realmente ando sempre no Face e no Insta, mas Portal da UÉvora, confesso que tenho visitado pouco, mas se passo o tempo "Zoomado/a", porque não atualizar-me, está tudo aqui!

Vamos lá...Olha, sabia de alguns apoios disponibilizados pelo GAE, mas não tinha percebido que havia um específico relacionado com o "bicho"! "**Linha de Apoio Psicológico COVID 19**", lá está, o raio do cotonete vai traumatizar-me, mas há solução! Para além da higienização das mãos, posso fazer uma "limpeza da mente"! Vou anotar o número para o caso de precisar!

Ah!! Não acredito! Tantos temas associados a este **Programa CONTACONNOSCO**?! Posso reforçar os "anticorpos" do meu CV e ainda preparar-me para entrevista de emprego? Boa! Tenho de me apumar para a entrevista, mas preciso de uma máscara a condizer, porque a primeira

imagem é muito importante! Aprende! Vou por um alerta na minha agenda, para me inscrever em todos os Seminários!

Espera...ainda posso "tomar uma dose" de **VOLUNTARIADO!**? Epá, espetacular! De certeza que vai "fortalecer o sistema imunitário" da minha formação académica, e ainda me vai dar uns pontos na avaliação da entrevista que irei fazer! O Voluntariado é muito reconhecido no mercado de trabalho. Bem melhor que o cotonete! E posso ajudar colegas internacionais?! Espetáculo! Vou inscrever-me na **Bolsa de Voluntariado** para integrar a **Plataforma de Integração do Estudante Internacional!**

Realmente, se tenho de estar confinado/a, evitar aglomerados, ter aulas *online*, também tenho de me atualizar, tenho a certeza que "higienizando" a mente, reforçando conhecimento e experiência com Voluntariado, reforço as minhas defesas e ainda "fico fino/a" para criar uma *Start-up!*

Excelente reflexão!"

*Suzete Rico,
Coordenadora do Gabinete de Apoio ao Estudante,
Serviços Académicos da Universidade de Évora*

//A ERA DA "VIDEOCONFERENCIALIZAÇÃO"

Mudaram as nossas rotinas. Fomos inundados com conceitos para os quais não estávamos preparados: estado de emergência, estado de calamidade, confinamento, distanciamento físico, desconfinamento, teletrabalho, ...

A Sociedade, no imediato, abrandou pelo choque do desconhecido e pelo impacto global das notícias que os media faziam chegar, mas rapidamente encontrou estratégias para ultrapassar estes novos desafios e priorizou as suas linhas orientadoras.

Aquilo a que chamamos o novo normal resulta da competência do Homem na adaptação de comportamentos para uma realidade à qual não temos ainda uma resposta validada pela Ciência, que permita voltarmos à normal Normalidade.

A comunidade científica e as empresas reinventaram-se, encontram pontos comuns que, em estreita cooperação, redefiniram estratégias para as suas áreas de atuação, mantendo a produtividade e postos de trabalho.



As plataformas digitais entraram sem pedir licença nas nossas vidas, nas nossas casa, e assume-se como um acelerador da nova normalidade (Que o diga a Zoom Video Communications Inc (ZM) <https://pt.investing.com/equities/zoom-video-communications> , com os reflexos significativos que teve nas bolsas de valores,...).

Em confinamento, convivemos com parte dos nossos pares à distância ("Zoom") e ficámos com a dúvida se alguns partilham espaços (escritórios ou bibliotecas) ou utilizam as mesmas telas que os comentadores televisivos. Assumo que se perdeu neste novo normal um pouco da nossa essência, o contato físico, o cumprimento social tão português.

A rotina de "videoconferencialização" diária foi interiorizada de tal forma que no final de um dia de trabalho com várias reuniões à distância, quando cheguei a casa, a minha família estava a procurar um programa no menu da televisão por cabo (com a tela cheia em modo de pesquisa). A pergunta que me saiu foi inevitável: "Estão no ZOOM?".

Dos muitos cartoons que já foram surgindo, destaco aquele em que alguém se insurge colocando a questão à Ciência: "Afiml, não conseguem fazer uma vacina para um vírus que morre com água e sabão?".

Não podemos esquecer que estamos todos expostos e é responsabilidade de todos protegermos-nos.

*Paulo Ramos
Chefe de Divisão da Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora*

// APRENDIZ DE EMPREENDEDOR PROCURA PARAÍSO



Poderia ser um anúncio de jornal sobre uma oportunidade choruda, mas este título reflete a minha jornada na Universidade de Évora. Uma fase que tem sido, no mínimo, curiosa.

Com estudos feitos na região Norte do país, mas com família paterna a Sul, cedo veio a vontade de me mudar para o Alentejo. Duas razões justificavam isto: 1. as férias passadas no Litoral Alentejano; 2. a vontade em trabalhar a questão da Inovação em contextos de pouca densidade populacional.

Não será novidade dizer que, ao enunciar estas razões aos meus novos colegas, a primeira reação prendeu-se logo com o ponto 1. "Hernâni, Évora não é Litoral Alentejano. Existem algumas diferenças...", disseram entre sorrisos e incentivos, para que desbravasse um outro lado da região. Claro que já me tinha apercebido destas diferenças, mas também reconhecia as semelhanças que a memória trazia: a simpatia das pessoas, o tempo quente que se estendia pelo fim da tarde e se acumulava nas paredes das casas, e o sabor inigualável do queijo de mistura não enganavam. Estava no meu Alentejo.

Ainda assim, fiz um mapeamento das atrações que me esperavam. Não tinha levado carro,

para que me pudesse entregar à verdadeira experiência. E que experiência...

Os meus pés conhecem agora de cor as formas arredondadas dos seixos do chão de Évora, e os meus fins de semana andam ao ritmo dos horários dos autocarros que quase não existem. A este propósito, lembro-me de ter tido vontade de ir conhecer Monsaraz. "Pedi lá a minha esposa em casamento.", contemplou o meu colega Luís. "Vais adorar!", dizia a Graça. Se os meus compinchas de gabinete o diziam, era porque tinha mesmo de ir.

Fiquei entusiasmado por ter oportunidade de visitar também Mourão. Um pequeno problema era não haver transporte público entre estes locais ao domingo. "Luís, achas que consigo fazer o caminho a pé?", perguntei eu com curiosidade. "De Monsaraz a Mourão? Não te metas nisso. Chama um táxi.", disse ele assertivamente. Palavras desafiantes para este aprendiz de empreendedor. Chamar um táxi não estava nos meus planos.

Depois de conhecer o castelo no sábado, apressou-se domingo e a ânsia de conhecer Mourão. E foi o que fiz, pondo os pés a caminho. A descida do castelo ainda foi tranquila. Mas depois veio a estrada, e mais estrada. O calor. E mais estrada. E uma ponte que não acabava. "Mas o que é isto?", perguntava eu para um céu que não tinha nuvem alguma que me protegesse do sol das 12h.

Depois de muito custo, e de pensar em chamar um táxi para cada perna inchada que tinha, consegui chegar a Mourão e cumprir a minha pequena missão de visitar a herdade onde a Graça me tinha prometido vistas incríveis. E não desapontou. O cansaço foi abafado pela

beleza do Alentejo mais profundo que ainda não conhecia, e senti-me realizado.

De volta ao escritório, a minha cara de bronzado "a la camarão da costa" denunciava o que se tinha passado. E os bons momentos que normalmente passamos a falar sobre a ementa da Cozinha do Cardeal, cuja tradução para Português do Norte preciso sempre, deram lugar a cenas deste episódio.

Pouco depois disto, o mundo mudou. O meu Alentejo transformou-se num quarto de quatro paredes.

A pandemia afastou-nos fisicamente, mas as reuniões via digital permitiram um contacto permanente. Para a estabilidade pessoal e profissional, estas reuniões foram essenciais, e percebi o poder de sermos flexíveis e nos conseguimos adaptar a novas circunstâncias. E é com esse ímpeto de transformarmos fraquezas em oportunidades, que continuamos a lutar para que o Alentejo possa fazer-se valer da sua capacidade inovadora.

Porque por muitas estradas, pontes ou condições adversas que existam, a vontade, a alegria e o sentido de comunidade desta região serão sempre uma oportunidade única para podermos prosperar e nos sentirmos realizados.

*Hernâni Zão Oliveira,
GAITEC*



//EM QUE PODE O GAITEC AJUDAR-ME?



Se está fora da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >> Necessita estabelecer uma relação de parceira entre uma entidade e a Universidade de Évora;
- >> Tem uma empresa e pretende recrutar colaboradores ou estagiários;
- >> Tem uma empresa e quer recrutar estudantes da Universidade de Évora;
- >> Pretende fazer uma ligação com os investigadores e tomar conhecimento das inovações feitas.



Se é investigador ou docente da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >> Tem alguma invenção;
- >> Quer proteger ou valorizar a sua propriedade intelectual;
- >> Quer esclarecer dúvidas sobre patentes;
- >> Quer participar num programa de inovação;
- >> Pretende avaliar se é possível ver negócio onde apenas vê ciência;
- >> Quer criar uma empresa com base em tecnologia desenvolvida na Universidade;
- >> Conhece uma empresa que ofereça desafios aos investigadores da Universidade ou interessada em receber conhecimento produzido na Universidade.



Se és estudante da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >> Tens dúvidas sobre processos de recrutamento, estágios ou preparação da carreira profissional;
- >> Queres desenvolver as tuas *soft skills*;
- >> Pretendes realizar um estágio extracurricular ou de verão;
- >> Queres candidatar-te a uma bolsa de estágio profissional;
- >> Queres encontrar o teu 1º emprego.



GABINETE DE APOIO À INOVAÇÃO, TRANSFERÊNCIA,
EMPREENDEDORISMO E COOPERAÇÃO
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Contactos

Largo Sr.^a da Natividade
7000-810 Évora
gaitec@reitoria.uevora.pt
<https://www.uevora.pt/innovar>

Procure o GAITEC nas redes sociais



Ficha Técnica

Título | TREZE
Coordenação | Reitoria da Universidade de Évora - GAITEC
Edição | Paulo Infante
Design e fotografia | Divisão de Comunicação